

# Narrativas da Revolução Cubana: um estudo sobre dois periódicos católicos brasileiros (1959 – 1961)

**Eduardo de Gusmão Quadros\***  
**Wellington Teodoro da Silva\*\***

## Resumo

O artigo trata das representações políticas da figura de Fidel Castro e da revolução cubana em dois jornais brasileiros católicos, com objetivo central de analisar como o processo revolucionário foi compreendido entre janeiro de 1959, data de sua vitória, e a declaração do caráter assumidamente socialista, em 16 de abril de 1961. Durante esse período, a questão nacional e anti-imperialista se apresentava como o núcleo duro do movimento liderado por Castro e o socialismo não foi tão evidenciado, chegando a ser negado por seus líderes. Isso foi lentamente se transformando e por meio das notícias sobre Cuba publicadas nos jornais *O Diário*, da Arquidiocese de Belo Horizonte, e *Brasil Central*, da Arquidiocese de Goiânia, estudaremos os discursos construídos acerca desse evento fulcral. Demonstramos que as narrativas e valores difundidos por essas duas igrejas particulares foram distintos, incorporando o polarizado contexto da Guerra Fria de maneira ambígua. Com isso, averiguamos e buscamos dar uma nova visão dos protocolos do anticomunismo elaborados pelo catolicismo no Brasil.

**Palavras-chave:** Anticomunismo – Cuba - Guerra Fria – Catolicismo – Revolução – Imprensa

---

\* Graduado em Teologia pelo ITEBA, Doutor em História pela UnB, professor da Pós-Graduação na PUC Goiás, Eduardo.hgs@hotmail.com, Currículo Lattes <https://lattes.cnpq.br/6271285275152113>

\*\* Graduado em História (UFMG), Doutor em Ciência da Religião (UFJF), Professor PPGCR PUC Minas, wteodorosilva@gmail.com, Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/0328809626769741>

## **Narratives of Cuban Revolution: a Study on Two Brazilian Catholic Journals (1959 - 1961)**

### **Abstract:**

The article deals with the political representations of the figure of Fidel Castro and Cuban revolution in two Catholic periodicals, with the central objective of analyzing how the revolutionary process was understood between January 1959, the date of his victory, and the declaration of its socialist character, on the 16th of April 1961. During this period, the national and anti-imperialist issue presented itself as the hard core of the movement led by Fidel Castro and socialism was not as evident, even being denied by its leaders. This was slowly transforming and, through the news about Cuba published in the newspapers *O Diário*, from the Archdiocese of Belo Horizonte, and *Brasil Central*, from the Archdiocese of Goiânia, we will study the discourses constructed around this pivotal event. We demonstrate that the narratives and values disseminated by these two particular churches were distinct, incorporating the polarized context of the Cold War in an ambiguous way. With this, we investigated and sought to give a new vision of the anti-communism protocols drawn up by Catholicism in Brazil.

**Keywords:** Anticommunism – Cuba – Cold War – Catholicism – Revolution – Press

## **Narrativas de la Revolución Cubana: un Estudio Sobre dos Revistas Católicas Brasileñas (1959 - 1961)**

### **Resumen**

El artículo aborda las representaciones políticas de la figura de Fidel Castro y de la revolución cubana en dos periódicos católicos con el objetivo central de analizar cómo se entendió el proceso entre enero de 1959, fecha de su victoria, y la declaración de su carácter abiertamente socialista, en 16 de abril de 1961. Durante este período, la cuestión nacional y antiimperialista se presentaba como el núcleo duro del movimiento liderado por Fidel Castro y el socialismo no era tan evidente, incluso negado por sus dirigentes. Esto se fue transformando lentamente y desde las noticias sobre Cuba publicadas en los periódicos *O Diário*, de la Arquidiócesis de Belo Horizonte, y *Brasil Central*, de la Arquidiócesis de Goiânia, estudiaremos los discursos construidos en torno a este acontecimiento crucial. Demostramos que las narrativas y los valores difundidos por estas dos iglesias particulares eran distintos, incorporando el contexto polarizado de la Guerra Fría de manera ambigua. Con esto, investigamos y buscamos dar una nueva visión de los protocolos anticomunistas elaborados por el catolicismo en Brasil.

**Palabras clave:** Anticomunismo – Cuba – Guerra Fría – Catolicismo – Revolución – Prensa

*É mais fácil morrer por uma revolução do que entendê-la.*  
Fidel Castro

Um estigma secular paira sobre a ilha caribenha. Na segunda viagem de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo, o almirante identificara os índios Caribe que habitavam Cuba como pérfidos canibais que, com o objetivo de extirpar seus costumes animais, deveriam ser submetidos ao cativoiro pelos cristãos ou ser transportados como escravos para o continente europeu (COLOMBO, 1997, p.155). A proposta foi rejeitada pela rainha Isabel de Castela, contudo, a confusão entre os “descendentes de Cam”<sup>1</sup>, os caraíbas e os cães, que não distinguem a carne de seus iguais, estava feita. Mais tarde, Shakespeare reforçará literariamente a imagem desumana dos habitantes americanos com o anagrama Caliban, símbolo típico dos povos colonizados<sup>2</sup>.

Por outro lado, da Ilha de Cuba proveio o primeiro grande movimento de revolta contra os colonizadores, comandada pelo Cacique Hatuey. Relata o bispo Bartolomeu de Las Casas que seu povo vivia fugindo dos cristãos e que certa vez os teria reunido para demonstrar que, apesar de anunciarem um deus justo e amoroso, adoravam de fato as riquezas. Era a estas que sacrificavam cotidianamente os nativos. O líder acabou preso, condenado à pena de morte, antes recusando com ojeriza os sacramentos para não se encontrar com cristãos no paraíso (LAS CASAS, 2011, p.36-40). A atual Constituição da República de Cuba resgata esse momento de resistência ao colonizador como parte de sua tradição de resistência aos imperialismos. A ilha também se marcou por uma colonização distinta do restante da América espanhola durante os séculos XVI e XVII. Ela não foi lugar de fixação dos colonizadores. Organizou-se como lugar estratégico de abastecimento e trânsito. A economia, política, cultura e organização de sua sociedade foram organizadas a partir dessa condição (GARCÍA-MENOCAL, 2012).

No século XX, experimenta nova excepcionalidade, promove uma revolução e se transforma no único país socialista do continente americano. Cumpriu papel de potência política no teatro das relações internacionais. Isso é impressionante quando comparamos o país com outros do Caribe, por exemplo. O alcance político internacional de Cuba é desproporcional aos

---

<sup>1</sup> Trata-se do filho amaldiçoado de Noé, que seria dominado pelos demais povos (Gen. 5, 32 e 9, 22-24). Como se sabe, essa narrativa fora utilizada abundantemente para justificar a escravização nas Américas.

<sup>2</sup> Remetemos à bela interpretação do crítico literário Roberto F. Retamar: “É necessário apresentar o homem concreto como um animal, roubar-lhe a terra, escraviza-lo para viver de seu trabalho e, conforme o caso exterminá-lo. [...] A tempestade, de Shakespeare, aluda à América e sua ilha é a mitificação de nossas ilhas [...]; ainda mais importante é saber que Caliban é o nosso caraíba” (1988, p.21).

seus recursos econômicos e não se associa ao poder bélico como as demais potências que possuem armas nucleares e presença imperialista em várias outras nações. O modo como esse país se construiu após a revolução não o fez apenas uma nação para si (SARTRE, 1986).

Cuba, sua revolução e seu socialismo, permanecem como um dos maiores desafios para a pesquisa acadêmica e para a política mundial. Por ela passam múltiplas e complexas questões relevantes. É lugar privilegiado para compreender a segunda metade do século XX e as duas décadas já cumpridas pelo século XXI. A condição geográfica fez dela um lugar de entrecruzamento de navios, no período da colonização espanhola; a sua revolução a fez ser um entrecruzamento mundial das questões políticas dos séculos XX e XXI.

Sartre (1986) descreveu a revolução cubana como um furacão que passou sobre a ilha. Essa é uma excelente forma de tratar esse evento por seu caráter de coisa irresistível capaz de alcançar e promover trânsitos profundos em estruturas e mentalidades. Não é exagero propor que esse furacão alcançou toda a América Latina colocando a palavra-força revolução no imaginário, acionando ações concretas que visavam retirar os países do seu percurso de países dominados pelas malhas do imperialismo.

O largo alcance político internacional vindo de uma ilha caribenha alcançou o Brasil com importantes repercussões nos diversos setores da sociedade, incluindo as instituições religiosas. Esse é o tema central desse artigo: investigar e interpretar a recepção da revolução cubana no período compreendido entre sua vitória no dia 1º de janeiro de 1959 até o dia 16 de abril de 1961, quando Fidel Castro declarou o seu caráter socialista no contexto da invasão de *Playa Giron*. Isso levou ao rápido incremento da oposição dos países vizinhos, completando o processo de rejeição geopolítica com a exclusão da ilha da Organização dos Estados Americanos (OEA), em janeiro de 1962, sob a acusação de ter adotado o marxismo como ideologia e, com isso, se transformando em uma suposta ameaça continental. A Igreja católica, claro, não age exatamente como um país e, como veremos, manteve muitas ambiguidades em suas posições.

Raul Gomez Treto (1994) nomeou a relação entre a Igreja Católica e o governo revolucionário nos dois anos iniciais da revolução como “desconcerto”. A hierarquia religiosa entendeu que a vitória do movimento de Sierra Maestra seria uma oportunidade para se aproximar do poder governamental. Ela ressentia-se do alijamento do poder político sofrido durante todo o período republicano. Isso deveu-se ao fato de ela ter sido

transformada em uma instituição espanhola, sem vínculos com a ilha, para evitar que o clero *criollo* apoiasse a independência como acontecera em outras regiões do império. (RICARDO, 2016). Isso aconteceu a partir da década de 1830, após a morte de Monsenhor Juan José Díaz de Espada. A instituição religiosa apoiou a metrópole na guerra de independência cubana (RICARDO, 2010). Essa representação de estrangeira e apoiadora da metrópole marcou a instituição ao longo de todo o período Republicano. (TEJADA, 1997).

Os prelados acreditaram que sua rede de escolas e universidade teria permeado a mentalidade dos quadros dirigentes da sociedade com seus valores, trazendo-os para a possível zona de influência. Lembravam, eventualmente, que Fidel Castro fora educado por colégios católicos. O arcebispo de Santiago de Cuba, Enrique Pérez Serantes, liderou o episcopado nacional em suas reivindicações. A principal delas era o reconhecimento da Igreja Católica como interlocutora privilegiada entre o governo e o povo. A hierarquia afirmava que a mentalidade cubana era profundamente católica e, portanto, representante natural da mentalidade nacional. Não houve êxito nesse objetivo, porque boa parte do clero não conseguiu livrar-se de sua reputação de ser estrangeirado. (SILVA e ZALDIVAR, 2023).

A investigação dos discursos<sup>3</sup> sobre os acontecimentos da revolução cubana, que resultou nesse artigo, ocorreu em dois periódicos católicos no período referido acima. Pesquisamos os jornais *Brasil Central*, publicado pela Arquidiocese de Goiânia, e *O Diário*, da arquidiocese de Belo Horizonte. Buscamos compreender se nesse período em que o socialismo não havia sido definido como natureza do processo revolucionário os jornais já haviam acionado o discurso anticomunista, comum ao meio católico, ou aderiram à visão norte-americana do processo revolucionário.

Nossa hipótese é que a disputa para definir semioticamente os aspectos fundamentais do movimento revolucionário refletia as bases sociais de quem publicava na imprensa, bem como os temores e utopias que circulavam no Brasil do final da década de cinquenta e início dos anos sessenta. Assomese a pressão feita pelas grandes potências da Guerra Fria, em especial, questionando a postura independente proclamada pela diplomacia do governo de Jânio Quadros<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Compreende-se discurso como o processo de produção semiótica resultado de uma seleção de formas e conteúdos que resultam tanto na dimensão pragmática quanto cognitiva do mundo referencial (GREIMAS e COURTÉS, 1989, p.129).

<sup>4</sup> Na documentação reunida por Álvaro Franco (2007) vê-se como pedra no sapato da Política Externa Independente era a posição acerca de Cuba, questionada fortemente tanto pela mídia quanto pelo Congresso Nacional.

A polarização geopolítica global acabou tendo forte repercussão nos ambientes eclesiais que, por sua vez, reelaborou as disputas internacionais desde sua matriz religiosa e doutrinária. Um grupo religioso não assume a lógica racional plenamente, nem pode explicitar seus interesses intramundanos, se pretende manter a identidade religiosa reconhecida pelo meio social<sup>5</sup>. Por isso, aceitando que o catolicismo foi um importante *bastião do anticomunismo*, como demonstrou Motta (2002), propõe-se compreender de maneira mais ampla a política eclesial.

## **Uma política dos afetos religiosos**

Abordamos esse tema desde a perspectiva da Guerra Fria que nos leva à ampliação da noção de história política, relacionada tradicionalmente às lutas intestinas ao Estado, à sociedade civil e à administração da sociedade. Não se trata somente de repensar a noção de poder em um paradigma historiográfico pós-foucaultiano, já que depois da fragmentação dos objetos, da transição das pesquisas para os “micro-poderes”, se propôs o retorno rápido ao campo da eficácia no governar, perante o perigo de dissolver o tema central “a ponto de tornar-se irreconhecível” (CARDOSO, 2012).

A Guerra Fria, ou a “paz quente” como ironiza Hobsbawm (1995, p.280), demonstra como os afetos são relevantes no estudo das condutas sociais. Isso não é algo novo na teoria política, pois Spinoza já apontara em meados do século XVII como os medos e esperanças de uma época são importantes mecanismos do poder. Retomados sob o tom psicanalítico de Safatle, pode-se pensar a interdependência de tais afetos na gestão do “corpo social”, mais relevante ainda pela forma atual de temporalidade dominada pela expectativa (SAFATLE, 2016, p.18).

Os sentimentos diversos possuem capacidade de mobilização de vontades e ações políticas de maneira mais observável do que os cálculos racionais. Se, por um lado, nossa tradição de pensamento político se insere na tradição racional iniciada pelos gregos e, ainda, a “lâmina de Maquiavel” tenha cortado “os laços pelos quais nas gerações passadas o Estado estava ligado ao todo orgânico da existência humana” fazendo o mundo político perder a ligação com a religião e com a metafísica (CASSIRER, 2003, p. 171); por outro, a política não se constituiu em coisa racional como os últimos quatro

---

<sup>5</sup> Ainda que o estudo de Mainwaring (1989) tenha base teórica weberiana, o autor faz questão de deixar claro que muitas vezes a instituição religiosa pode contrariar princípios estratégicos racionais devido à sua fidelidade doutrinária.

séculos nos fizeram supor (GIRARDET, 1987). A devoção ao herói ou líder mobiliza e organiza, sobretudo, os afetos (CASSIRER, 2003); a esperança e a utopia (FURTER, 1974 e DESROCHE, 1985) e distintas expectativas de futuro (KOSELLECK, 2006).

A “história global da guerra fria” é interpenetrada pelos projetos de futuro, bem como pelo passado numa trama planetária na qual os limites nacionais deixam de ser referências (CAPELA e ROJAS, 2022). Ela trata dos conflitos - não necessariamente militares, que também aconteceram - entre os denominados “mundo comunista” e “mundo livre”. Essa bipolarização iniciada no eixo Leste-Oeste do globo foi exportada para encarnar-se no eixo norte-sul.

Na América Latina destacamos duas características particulares importantes. A primeira é a historicidade distinta, um ritmo próprio na reinterpretação do conflito, trazendo para a década de sessenta sua maior intensidade. Há efeitos do macarthismo norte-americano da década anterior (MUNHOZ, 2020, p. 167), mas, principalmente, auxílios econômicos concedidos aos países latino-americanos que complementavam a “guerra psicológica” contra o socialismo (GADIS, 2010) bem como a implantação das ditaduras militares que varreram o continente contra o “inimigo comunista”.

O outro traço diferencial está na presença da religião, principalmente a herança histórica do catolicismo, como elemento estruturante dos discursos e produção dos medos contra o “inimigo vermelho”. Como se sabe, a fé católica tem sido uma rica fonte semântica do discurso anticomunista, mobilizada desde o período anterior ao da Guerra Fria (HARMER, 2014). Nos primórdios da década de sessenta, entretanto, outros modos de articular a crença religiosa e sociedade ganharam força institucional. Pode-se até afirmar, consonante o estudo de Queiroz (2021), que a identidade continental latino-americana, consolidada nessa época, teve um elemento religioso constituinte. Esse autor, inclusive, destaca “o evento Revolução Cubana” como peça central nesse processo (2021, p.40).

O discurso anticomunista brasileiro estava relativamente consolidado quando a Guerra Fria teve início após a Segunda Guerra Mundial. A Insurreição de 1935 foi um evento-força que forneceu a figura clássica do comunista inimigo, tão estereotipada e ritualizada nos quartéis, que permitiu uma coesão e disciplina que o Exército brasileiro não havia conhecido desde os tempos do império. O anticomunismo orientou, desse modo, a ação de diversos setores da sociedade civil e do Estado; funcionou como elemento

de coesão entre os militares e cavou sulcos profundos no imaginário político da nação. Segundo Rodrigo Motta, se Marx viu o comunismo com espectro a rondar o século XIX, “ele se aplica melhor ao século XX, quando o ‘fantasma’ adquiriu um poder sem precedentes de amedrontar os setores mais conservadores da sociedade” (MOTTA, 2002. p. XX). A luta contra o comunismo levou a golpes de Estado no Brasil e na maioria dos países latino-americanos. Foi a principal legitimação para as ditaduras militares perseguirem, torturarem e matarem cidadãos que somam milhares.

Até os dias atuais, mesmo após o colapso do socialismo no leste europeu e da União Soviética, o anticomunismo permanece no imaginário, acionando práticas discursivas de amplos setores da sociedade. O *invencível comunista* agindo em novos modos, mas com os velhos objetivos de acabar com a civilização cristã, segue no atual momento político como um *inimigo imaginário* que causa coesão pelo medo. Esse fenômeno do tempo atual ainda carece de investigações para a sua compreensão.

A Igreja Católica do Brasil marcava-se por difundir o discurso anticomunista, por um viés que também passava pela crítica ao Estado liberal, visto enquanto produção burguesa que, se não regulado moralmente, levaria ao comunismo (RODEGHERO, 2002). Essa crítica acarretou certa nostalgia do período medieval, vigorosa entre as décadas de Trinta e Cinquenta.

O anticomunismo católico não conduzia diretamente para a defesa do capitalismo como consequência lógica, ressalte-se. Lideranças católicas, como Alceu Amoroso Lima, lembravam que o anticomunismo da Igreja não significava adesão ao capitalismo. Ele entendia existir três erros dos católicos sobre esse tema: 1) a aceitação ingênua do comunismo; 2) combater o comunismo para a aceitação do capitalismo e 3) aceitar qualquer forma política reacionária como antídoto contra o comunismo (SILVA, 2011). Apesar dessas recomendações, o anticomunismo dos católicos brasileiros marcou-se pelo medo fantasmagórico que povoou o imaginário dos demais setores da sociedade.

A novidade da democracia no Brasil no período de nosso estudo, somada à novidade do crescente meio urbano, fez a Igreja Católica buscar novos lugares e formas de agir. Ela vê-se como um setor organizado da sociedade civil e não mais como a instituição que se propunha a tutela da sociedade. A hierarquia aprendeu *tateando* o novo percurso, a partir da herança doutrinária disponível. Os jornais criados abordavam, naturalmente, das questões de natureza política e social, empenhando-se em construir argumentos racionais fora da antiga postura condenatória.



Este artigo explora discursos e representações que estão carregadas afetivamente. A religião marca-se como uma forma privilegiada de semioticamente produzir medo e gerar esperança. Ela mobiliza afetos capazes de produzir vínculos sociais responsáveis por uma atitude de *militância*; também opera na formação de quadros cognitivos que justificam engajamentos de modos a moldar dinâmicas profanas com verdades contundentes, mas de forma nenhuma lineares (SILVA, 2021). Enfim, conforma a estrutura estética, ou seja, as modalidades da experiência histórica (ANKERSIMIT, 2005), de boa parte da população continental

Pressupomos que os discursos produzidos sobre Cuba nas fontes que pesquisamos recebiam aceitação sócio-política por tratarem-se de jornais impressos. Como afirma Michel de Certeau, ali está a nova fonte da dogmática contemporânea, além de inserir todo um conjunto de técnicas terapêuticas para a sociedade (1994, p.233). Em segundo lugar, destaca-se a força do crer nas operações de ontologização do real, de significação e enquadramento da alteridade, que no caso da política da Guerra Fria seria prioritariamente inserida pela oposição básica amigo-inimigo (SCHMITT, 2015). Em terceiro lugar, tem-se a Igreja Católica como lugar privilegiado de credibilidade, de projeção da confiança, a perpassar distintos grupos sociais como consequência de sua função sacerdotal. Em quarto lugar, aponta-se a posição ética da instituição religiosa, concebida enquanto fonte de paz, de fraternidade e justiça. Então, as páginas dos jornais editados pela igreja romana demonstram como ela pretendia formar os valores hegemônicos seguidos pela sociedade, não abarcando somente os fiéis de seu redil.

## **A recepção da revolução cubana na arquidiocese de Belo Horizonte**

O primeiro bispo e arcebispo de Belo Horizonte Dom Antônio dos Santos Cabral era entusiasta da questão da imprensa católica e criou, no primeiro ano da então diocese de Belo Horizonte, o Conselho de Imprensa, cujo órgão oficial, o jornal O Horizonte, começou a circular em 08 de abril de 1923. Ele foi substituído pelo *O Diário* no dia 06 de fevereiro de 1935 que foi concebido para competir com os grandes jornais que circulavam no país mantendo sua identidade católica. As matérias de conteúdos propriamente religiosos ocupavam espaços menores que as políticas. Ele também cumpria a função de diário oficial da arquidiocese ao divulgar atos do seu governo,

como a movimentação de padres e a fundação de paróquias. O clero e os bispos utilizavam suas páginas para manifestar opinião sobre a política.

A vitória da revolução cubana foi noticiada no dia 03 de janeiro de 1959 sob o título “Cai a ditadura de Batista”. Informa que o vitorioso “exército revolucionário” entrou na capital do país às 10:40 horas em dez caminhões “recebidos em triunfo pelo povo” que realizou “delirantes manifestações cantando a vitória e a liquidação do regime de Batista”. Apoiava o movimento liderado por Fidel Castro afirmando que ele havia “deposto em boa hora a ditadura de Batista”. Apresenta as repercussões nos Estados Unidos, Rússia, Venezuela e Uruguai. O processo em curso recebeu atenção detida do jornal que revelou apoio ao novo momento político da ilha. O departamento de estado norte-americano informou ter recebido poucos pedidos de saída do país, segundo *O Diário*, o que assegurava serem as pilhagens não feitas pelo grupo revolucionário. O tratamento dado a Fidel Castro é de admiração quando diz que ele apareceu em público pela primeira vez no parque central de Santiago para lançar uma proclamação declarando ser a cidade a capital provisória. Foi ovacionado por vários minutos, declara a notícia.

Nessa mesma edição, a centralidade de Fidel Castro já aparece no subtítulo “Fidel Castro punirá os criminosos”. Não trata do Estado ou governo, mas da pessoa desse líder quando, por exemplo, chama o Consultor Geral da República como “Consultor Geral de Fidel Castro”. Surpreendentemente, noticia, sem discordar, a veiculação do programa de rádio “Opinião soviética” que apresentou severas críticas aos Estados Unidos. Deixar de criticar a União Soviética e publicar uma crítica feita aos Estados Unidos é de particular interesse considerando o anticomunismo e o decorrer da Guerra Fria:

A Rádio de Moscou anunciou hoje que o deposto presidente cubano coronel Batista “teria sido varrido há muito tempo, não fora a servil assistência militar dos norte-americanos (...) não é nenhum segredo que o Pentágono lhe enviou aviões, tanques, canhões, bombas de gasolina gelatinosa e coisas análogas para que pudesse sufocar o levante.

Informa a existência do apoio popular na Venezuela onde a população se manifestou contra o adido militar e responsável pelos negócios cubanos de Batista, que se recusou a entregar a embaixada “ao representante de Castro”. Também trata do editorial do jornal *New York Times* com o título “Cai um ditador cubano” que “caiu em boa hora”. Pede para lembrar os

sete anos de luta, humilhação, angústia e a glória da vitória da revolução. Por fim, *O Diário* diz que o governo deve ser ocupado pelos elementos que lutaram pela liberdade: “Deve ser pago um tributo ao extraordinário jovem Fidel Castro, que com enorme capacidade, valentia e inteligência lutou contra todas as desvantagens.”

O jornal apresenta Fidel Castro como grande líder de um processo revolucionário responsável pela libertação do país de uma ditadura. De modo recorrente, as matérias se estruturam em torno de suas ações. Essa recorrência é identificável nos títulos como os que seguem: 06/01/1959: “Fidel Castro reestabelece a ordem”; 11/01/1959 - “*Complot* contra Fidel Castro; 23/01/1959 – “Povo liberto aclama Fidel Castro”; 25/01/1959 – “Fidel Castro aplaudido em Caracas”; 29/01/1959 – “Protesta Fidel Castro contra atraso das execuções”; 14/02/1959 “Fidel Castro e Guevara presumíveis candidatos”; 15/02/1959 “Total renúncia do gabinete cubano – Fidel Castro, primeiro-ministro”; 17/02/1959 – “Fidel Castro marcha para a presidência”; 18/02/1959 “Fidel Castro assume primeiro ministério – desinteressa-se pela presidência, quer, apenas, a satisfação das aspirações revolucionárias”; 17/04/1959 “Fidel Castro nos EE. UU - Fortemente ovacionado o líder revolucionário - Cena de entusiasmo coletivo das mais delirantes como jamais o aeroporto militar testemunhou”; 21/04/2023 – “Fidel Castro pede expulsão dos assassinos e ladrões”; 28/04/2023 – “Negrão de Lima receberá Fidel Castro”; 07/05/1959 – “Fidel Castro aconselha Jango”; 02/06/1959 – “Fidel Castro foi apaziguar” e 16/06/1959 – “Fidel Castro autorizou remessa de geradores para Belo Horizonte” (destaque no alto da página).

*O Diário* apresenta esse líder como o símbolo maior de um movimento democrático. Noticiou sua declaração na televisão assegurando que o caminho do país era a democracia porque o novo governo era dirigido pela opinião pública e não pela força. Perguntado por um jornalista se os comunistas participariam das eleições, responde que todos deveriam ter os mesmos direitos. Informava que discursava para multidões que o interrompiam com vivas e aplausos, tanto em Cuba quanto no exterior. Por ocasião de sua posse como primeiro-ministro, *O Diário* destacou no título a expressão “desfile monstro” na edição do dia 29 de janeiro de 1959 para demonstrar o intenso apoio popular ao líder. Essa mesma edição também informa que ele havia protestado contra o atraso nas execuções. Mesmo se tratando da pena de morte e o jornal sendo católico, não faz críticas às execuções por considerar que elas aconteciam

após julgamentos por atos criminosos dos militares e policiais apoiadores da ditadura de Batista. Entendia que o Estado possui esse direito e alega que o protesto de Fidel aconteceu para evitar que fossem feitas justiças “com as próprias mãos”, sem o devido julgamento. Dessa forma se garantia que apenas criminosos fossem fuzilados.

Seguindo esse processo de valorização do líder, o periódico noticia sua posse como primeiro ministro, prevendo que significaria sua “marcha para a presidência” da República. Essa matéria também diz que tempo precioso para a consolidação da revolução estava sendo desperdiçado na solução de discórdias menores entre facções do exército revolucionário. Na edição do dia seguinte, apresenta o líder chamando-o de “chefe revolucionário” e homem sem interesses pessoais que era animado apenas pela realização das aspirações revolucionárias e, embora pudesse ser presidente, não aspirava ao cargo. Citou o seguinte fragmento do seu discurso de posse: “O que me interessa é a marcha da revolução, o que me preocupa é que no fim da jornada, Cuba tenha tudo o que espera de nós”. Ainda, informa que Fidel reconhecia a legitimidade da impaciência do povo, porque ele também estava impaciente: “Eu também me impaciente, por exemplo, para construir cidades escolares (...)”.

No dia 28 de abril de 1959 foi informada a chegada de Fidel Castro ao Brasil, que aconteceria no dia seguinte. Ele passaria pelo país no percurso de sua ida para Buenos Aires e se encontraria com o presidente Juscelino Kubitschek. No dia 07 de maio de 1959, o jornal traz a matéria com o título “Fidel Castro aconselha Jango”. Aborda o jantar oferecido ao cubano que contou com a presença de vários políticos. Nesse evento, perguntou a Jango sobre as reformas de base que estavam sendo programadas para o país. Defendeu que dever-se-ia fazer uma propaganda doutrinal antes de realizar as reformas. Assim foi feito em Cuba com relação à reforma agrária. As pessoas deveriam saber o significado e os alcances das reformas antes de serem implementadas. De nada adiantaria distribuir a terra se as pessoas não estivessem preparadas para usá-la. Esse texto também trata de sua reunião com o ministro da Guerra Henrique Teixeira Lott para quem deu explicações sobre o *paredón*. À noite fez um discurso de três horas para uma multidão que fora escutá-lo com bandeiras de Cuba em punho.

Nesse jantar aconteceu um fato que soou cômico para os presentes, segundo o portal *Memorial da Democracia*. Fidel Castro conversava com Ademar de Barros, prefeito de São Paulo, que manifestou seu descontentamento com os fuzilamentos na ilha. Sem saber da fama do brasileiro (“rouba, mas faz”),

deixou-o irritado com sua explicação: “Estamos fuzilando só os grandes ladrões de dinheiro público”. Ademar de Barros saiu do jantar irritado sob risos dos demais convivas dizendo que o cubano “era um ‘Jânio Quadros sanguinário’”.<sup>6</sup>

O *Diário* não condenou os fuzilamentos. No dia 19 de abril de 1959, publicou o artigo de Jules Dubois intitulado “As execuções em Cuba”, que trata daquilo que considerava ser uma confusão e alarme do exterior, a saber, que na ilha estava acontecendo um processo de expurgos e banho de sangue. Isso era natural, uma vez que, segundo as notícias oficiais, os executados cometeram crimes, mas não informavam o caráter desses crimes. Não se criticam as execuções, mas a ausência de informações sobre as culpas dos acusados, permitindo a circulação de falsas notícias nos diversos países sobre o “horrível holocausto em que mais de 20 homens eram abatidos por metralhadoras diante de uma fossa comum”. Assegura que isso não acontecia e cita conversa que teve com uma testemunha das execuções.

Em uma matéria sobre o julgamento de Otto Meruelo, porta-voz da ditadura de Batista, *O Diário* informa que o representante do ministério público pediu a pena de morte porque suas calúnias teriam causado muito mal aos revolucionários. Ele foi condenado a 30 anos de prisão. O texto usou uma fala do próprio condenado para demonstrar que a revolução era virtuosa: “Depois de ouvir a sentença, Otto Meruelo deu a mão aos membros do tribunal revolucionário, dizendo que não acreditava que os revolucionários tivessem tão boas intenções em benefício do povo e do país, como agora demonstravam ter”.

Nesses primeiros seis meses do ano de 1959, o tema do comunismo apareceu pouco no jornal. Sobre a relação desse tema com a revolução cubana, foi publicado no início do novo regime – 06 de janeiro de 1959 – a matéria com o seguinte título: “afirma Guevara: - ‘Não somos comunistas’”. Esperando espantar esse fantasma da ilha, noticiava a entrevista realizada com Che Guevara por telefone para um jornal argentino. Tratado como principal colaborador de Fidel, Guevara “desmentiu categoricamente” que o movimento tivesse qualquer relação com o comunismo:

Somos homens democratas, nosso movimento é democrata, de consciência liberal e de cooperação norte-americana. Negamos terminantemente, toda ligação com o comunismo. Trata-se, na verdade, de uma velha técnica das ditaduras o querer ofender aos homens que não se lhe submetem.

---

<sup>6</sup> <http://memorialdademocracia.com.br/card/chega-fidel-o-lider-da-revolucao-cubana>

No dia 16 de abril de 1959, publicou uma tradução do jornal vaticano “*L’Osservatore Romano*” tratando do socialismo com o título: “Socialismo, mesmo mitigado, não pode conciliar-se com os ensinamentos da Igreja – conceito de sociedade oposto à verdade cristã”. Esse artigo não surgiu de uma demanda sobre o problema a partir do Brasil, América Latina ou Cuba. Trata-se de um congresso acontecido havia um ano por iniciativa da “Accademia Bavaresa (...) com aprovação da autoridade eclesiástica”. O evento tinha o objetivo de tratar do problema das relações entre o socialismo e o cristianismo.

A tradução do artigo informa que muitos escritores da contra-reforma tiveram inspiração socialista. O congresso do partido socialista italiano, concluído pouco antes desse evento, entendeu ser necessário abrir caminho para a natural convergência entre as massas católicas e socialistas. Em direção oposta, os relatórios do congresso colocam em evidência as diferenças entre a doutrina católica e o assentimento socialista. Ambas são contrastantes e não possuiriam, desse modo, convergências.

Argumentava, ainda, que o homem deveria viver sob uma realidade social divinamente ordenada. Ao socialismo faltava autenticidade social, porque os fundamentos verdadeiros viriam unicamente de Deus, o criador e fim último de todas as coisas. Além disso, o Estado assumia um gigantismo que despersonaliza o indivíduo, ao mesmo tempo em que a economia é separada da moral. A ideia da luta de classes também não resolveria o problema que seria mais adequadamente tratado pelos ensinamentos de harmonia oferecidos pela Igreja. O socialismo, sob qualquer forma, nutria a indiferença com a religião. Devemos reconhecer que esses argumentos se aplicam igualmente ao capitalismo liberal, que não foi citado no artigo. De fato, a crítica dirige-se à modernidade. Tal condenação do mundo moderno revela uma Igreja em defasagem com seu tempo, que espera assumir o lugar de orientadora dos meios pelos quais a sociedade se organiza em suas estruturas políticas, econômicas e sociais.

Poucos dias depois, em 29 de abril de 1959, foi publicada uma notícia sobre a resolução da Sagrada Congregação do Santo Ofício, aprovada pelo papa João XXIII, que definia que o católico não podia apoiar ou beneficiar, de modo algum, o comunismo. Adverte ser ilícito aos católicos, sob pena de pecado grave, votar em candidatos populares que, sem militar nas fileiras vermelhas ou dizendo-se cristãos, colaborassem com o comunismo e atuassem de qualquer forma em seu favor. Informa, que esse documento foi escrito

especificamente para o caso italiano, mas valia como referência para outros lugares do mundo.

Ao longo do segundo semestre de 1959, *O Diário* manteve frequentes notícias sobre Cuba, sem críticas negativas. Segue apoiando o processo revolucionário e seu líder. Trata dos riscos dos comunistas assumirem o controle desse processo em consolidação. Contudo, relativiza esse risco ao informar que essa avaliação foi feita pelo chefe do Estado Maior da Marinha norte-americana. Logo avisa que o presidente cubano Manuel Urrutia dissera que a revolução não teria nada com o comunismo. Poucos dias depois, temos a notícia da queda de Urrutia.

A partir do segundo semestre o tema Igreja Católica em Cuba surge com notícias sobre seus movimentos na revolução. O jornal informava os conteúdos das publicações cubanas sobre o tema, como a matéria da revista *Bohemia* que tratava da defesa de Alberto Martín Villaverde, Bispo de Matanzas, do direito do episcopado opinar sobre os aspectos sociais da reforma agrária, bem como sua crítica aos modos do comunismo de realizar tal reforma.

O episcopado cubano foi um dos setores da sociedade que operou no período inicial da revolução, ao lado de outros setores que buscavam ampliar a influência nos destinos da revolução. Com esse fim, foi convocado o Primeiro Congresso do Apostolado Leigo do país. *O Diário* noticia essa convocação na edição do dia 01 de agosto de 1959. O evento era previsto para acontecer em novembro e, por meio dele, os bispos esperam ostentar o apoio popular nas ruas. Eles eram os representantes da mentalidade católica da nação. Em novembro, o arcebispo Pérez Serantes renomeou o evento para Congresso Nacional Católico (SILVA, 2021).

*O Diário* entende que a revolução cubana era motivada pelo nacionalismo, não pelo comunismo. A coluna “Nossa Opinião” distingue claramente comunismo e nacionalismo. Causa-lhe espécie o fato dos comunistas defenderem pautas nacionalistas, porque eles tinham como eixo de pensamento e ação as pautas internacionalistas de Marx. Condena aqueles que entendiam ser o nacionalismo um eufemismo de comunismo. As palavras deveriam voltar a ter seu sentido original. Em outra edição, a mesma coluna, em 03 de setembro de 1959, publicava o texto “Nacionalismo e comunismo”, continuando o tema anterior e tratando da confusão dos vocábulos tanto na ação política quanto nos estudos das Ciências Sociais. Os católicos deveriam ter cuidado especial com os significados das palavras, já que trabalham com doutrinas de valor perene.

Nacionalismo e comunismo estavam perdendo seu tónus semântico. Pessoas de formação clássica entendiam o comunismo como as utopias de Platão, Morus e Campanella. Para as demais pessoas, a “palavra lembra agitação, bombas, sujeitos barbudos querendo destruir a sociedade, revoluções e desordens”, em clara alusão à revolução cubana. Entendia que Marx não era nacionalista, mas um internacionalista. *O Diário* defendia claramente o nacionalismo e recusava o comunismo. Esperava, portanto, distinguir seus campos semânticos. Compreendia a revolução cubana como um movimento essencialmente nacionalista. Já o comunismo era observável no modelo soviético de burocratização e planificação da economia:

Na verdade, o que temos é uma grei de burocratas enquadrados, racionalistas, frios, objetivos, que tentam o absurdo de planificar uma nação de modo a ficarem todas as atividades econômicas subordinadas aos programas governamentais. Comunista é um misto de gerente de grande companhia capitalista e de chefe de serviço público. E, leva uma vantagem sobre qualquer tipo de diretor: as veleidades de reivindicações operárias são contidas pela polícia e o capital pertence à coletividade e não ao gerente. Precisamos rever continuamente o nosso vocabulário político e social” (*O Diário*, 03/08/1959).

O jornal prosseguia noticiando o apoio popular a Fidel Castro quando tratou da ação de um grupo armado contrário à revolução. Informa que milhares de cartas chegavam ao jornal *Revolución*, órgão oficial do Movimento 26 de julho, pedindo o fuzilamento dos contrarrevolucionários. Após a derrota desse grupo, a mais absoluta paz reinaria em Cuba. Sobre as críticas que esse país e a Inglaterra sofreram por tratativas iniciadas para a compra de aviões caças, o jornal disse não ter nenhum problema, pois eram acordos comerciais normais entre dois países soberanos.

Decorridos 10 meses do processo revolucionário, na edição de 08 de outubro de 1959, *O Diário* publicou a avaliação de Júlio de Mesquita Filho, diretor do jornal o Estado de São Paulo que entendia ser cedo para considerar Fidel Castro como um ditador. Assegura que a limitação da liberdade de imprensa na ilha não seria um critério razoável para tratar o sistema como uma ditadura. Afinal, era legítimo que a liberdade de imprensa fosse limitada devido ao processo revolucionário. O sistema político estava passando por um momento de exceção que permitiria tal ação do governo.



As duas últimas edições do ano de 1959 que publicaram matérias sobre a revolução aconteceram nos dias 16 e 18 de dezembro. A primeira tratou de um padre cubano, recém-chegado nos Estados Unidos, que assegurou que Fidel Castro estaria pensando em romper com o Vaticano e fundar uma igreja nacional. A segunda noticiava o Congresso do Nacional Católico, que rendeu homenagens à Virgem da Caridade e do Cobre, padroeira de Cuba. Esse evento reuniu pessoas sob forte chuva e teve desfiles organizados. Essa matéria obteve maior destaque que a primeira.

O ano de 1960 publicou cerca de 120 matérias sobre o processo revolucionário cubano. Esse país recebeu incomparavelmente mais publicações que qualquer outro, mesmo as grandes potências. A pequena ilha ocupou um lugar de relevância nas tramas políticas latino-americanas, muito acima de sua capacidade militar e econômica. A sua relevância parece estar na possibilidade de encontrar uma alternativa nacionalista, fora da lógica da dependência de boa parte do continente ao longo de sua história.

O caráter nacional da revolução deve ser evocado para compreender o motivo que fez *O Diário* ser econômico nas críticas, por um lado, e generoso nos elogios ao regime e ao seu líder, Fidel Castro. Isso nos leva a considerar a afirmação de Florestan Fernandes (1979) de que a Revolução Cubana seria uma obra de Fidel Castro. A singular condição insular e sem fronteira com outros países permitiu que o carisma do líder pudesse ter eficácia sobre o curso dos acontecimentos de modo singular.

Fidel Castro aparece como objeto de diversas matérias no ano de 1960. Uma em particular, “Quem é Fidel Castro?”, publicada no dia 09 de março de 1960, revela de modo mais denso como o jornal da Arquidiocese de Belo Horizonte recebia o processo cubano e representava a figura de seu líder após pouco mais de um ano da queda de Batista. Ela trata de sua infância; vida escolar; universitária e política. Não lhe faz repreendas mesmo quando trata de seu contato com o comunismo nos tempos de estudante universitário, nas aulas do professor Carlos Rafael Rodríguez, diretor do jornal *Hoy* em 1960. Seus discursos continham frases feitas, ao modo marxista. Embora não tivesse abraçado o partido comunista, ele encontrava nas prédicas comunistas um instrumento útil para a “sua revolução e um bisturi com que cortar as ataduras ‘burguesas’ aprendidas no lar e na escola”. A matéria terminava afirmando que Fidel era dotado de uma complexa mistura de ideias e, messianicamente, era o “homem colocado pela história à frente dos destinos de Cuba numa hora decisiva para a América”.

O *Diário* concorda com a opinião de Jânio Quadros sobre o processo cubano. Ao retornar de uma viagem à ilha, o então candidato da União Democrática Nacional disse em entrevista coletiva que Cuba nada tinha de comunista. A entrevista foi publicada no dia 07 de abril de 1960, assegurando que o país vivia a normalidade; o governo se empenhava na execução de um grande plano de obras públicas e não identificou crise nas atividades privadas ou governamentais. Perguntado sobre a reforma agrária, informou que ela estaria acontecendo de modo semelhante à egípcia. O governo pagava o preço justo pelas desapropriações e entregava a terra para pequenos produtores já com o título de propriedade. Disse que Che Guevara era um homem completamente devotado à revolução e possuidor de profundos conhecimentos econômicos. Entendia que não era um comunista, mas democrata com tendências socializantes. Ao final, avaliou que os fuzilamentos ocorridos não eram sumários, pois os acusados foram julgados em tribunais e tiveram o direito de apresentar defesa.

Por ocasião da visita ao Brasil do presidente cubano, Osvaldo Dorticós, *O Diário* noticiou o Manifesto dos Estudantes Democratas da União Nacional dos Estudantes. O grupo protestava contra as homenagens recebidas pelo “pseudo-presidente” organizadas por “pseudo-estudantes” e dizia que Fidel Castro não era mais o “cavaleiro legendário”. Perdera essa condição ao revelar-se comunista. O almirante Penna Botto, presidente da Cruzada Anticomunista Brasileira, também protestou por meio da imprensa contra o presidente cubano. Na nota distribuída aos jornais, disse:

Trata-se apenas de um títere do Governo que domina e infelicita aquela ilha das Antilhas, composto do alucinado e sanguinário marxista Fidel Castro e de empedernidos e fanáticos comunistas do tipo ‘Che’ Guevara, Raul Castro, Carlos Rafael Rodriguez, Armando Hart, Nunez Jimenez e outros. Pudesse a Cruzada dar publicidade à vultuosa e irrefutável documentação que possui, os brasileiros saberiam que o Kremlin estabeleceu na América, desde janeiro de 1959, uma cabeça de ponte extremamente perigosa para a democracia. (O Diário, Fidel Castro não é mais o cavaleiro legendário, 11/06/1960).

Esse tipo de discurso, anticomunista, era comum no meio católico e Cuba foi objeto de crítica antes mesmo da declaração oficial do caráter socialista da revolução. No entanto, o teor anticomunista das matérias desse jornal não era intensa como em outros setores do catolicismo brasileiro. Essa matéria ainda noticiou que o presidente Dorticós respondeu a um jornalista

negando que o arcebispo metropolitano de Cuba tivesse lançado uma pastoral contra os comunistas assentados no governo. *O Diário* faz ressalvas a essa resposta, que demonstra estar acompanhando o processo cubano de maneira detida e qualificada. Ele concorda com o presidente na confirmação de que não houve pastoral do arcebispo metropolitano Cardeal Manoel Arteaga. Tratava-se de

enérgica pastoral do Arcebispo de Santiago de Cuba, Monsenhor Enrique Pérez Serantes, o mesmo que, no início da campanha revolucionária de Castro lhe salvou a vida nas prisões do ditador Fulgêncio Batista. Em sua Pastoral (...) o Arcebispo, ao anunciar a predominância marxista na Revolução fidelista, declara sem reboços: ‘Já não se pode dizer que o inimigo está às portas, porque na realidade está dentro, falando como se sentisse em sua própria casa.’ Recorda o Arcebispo, na sua pastoral, aos fiéis que ‘não podem colaborar de forma alguma com o comunismo’ e que, pelo contrário, devem estar alertas antes as ameaças ‘do materialismo dialético de Marx e do comunismo ateu’ acrescentando a advertência: ‘legislar sem Deus é construir sobre areia’”. (*O Diário*, Fidel Castro não é mais o cavaleiro legendário, 11/06/1960).

A citação longa vale-nos como exemplo do modo como *O Diário* tratou a revolução cubana ao longo do segundo semestre de 1960, prosseguindo até a declaração do caráter socialista da revolução no dia 16 de abril de 1961. Fidel Castro fez essa declaração por ocasião do funeral de vítimas de um ataque aéreo no início da invasão de *Playa Girón*, patrocinada pelos Estados Unidos. Não obstante as referências do avanço de quadros comunistas no governo revolucionário, com a culminância da declaração explícita, o jornal da arquidiocese de Belo Horizonte manteve uma linha editorial que transitou do apoio explícito ao apoio sem entusiasmo, mas sem grandes críticas que pudessem fazer compreender a opção o socialista enquanto uma traição ao movimento revolucionário original.

## **A recepção da Revolução Cubana na Arquidiocese de Goiânia**

O jornal *Brasil Central* (BC) foi concebido pela arquidiocese de Goiás como o meio moderno de influenciar os debates sociais, demarcar a relevância do catolicismo e transmitir ao grande público a visão eclesial sobre diversos temas seculares. Foi fundado em 1931, época em que a Revolução de 30 conferia novas feições ao Brasil. O estado de Goiás recebeu bom influxo do projeto de Vargas na promoção da *Marcha para o Oeste*: edificou

sua nova capital e recebeu investimentos estruturais para modernizar a economia. A arquidiocese tentou se reposicionar nesse novo ambiente a partir do projeto de *neo-cristandade*<sup>7</sup>, apesar da organização ser ainda bem precária, tanto financeiramente quanto em termos de pessoal. De qualquer modo, o investimento na publicação de um periódico semanal vigorou até o ano de 1964.

Com a morte do arcebispo de Goiás, Dom Emanuel de Oliveira, em 1955, responsável pela criação do jornal, o território eclesiástico acabou reconfigurado. A arquidiocese de Goiânia tornou-se independente, recebendo seu primeiro prelado em 1957, o paraibano Dom Fernando dos Santos. O novo arcebispo possuía grande interesse em reforçar a presença católica nos meios de comunicação. Tinha sob sua administração a Rádio Difusora (ondas médias), o Jornal Brasil Central, o qual tentou aumentar a periodicidade, e fundou a Revista da Arquidiocese para os assuntos mais internos da igreja.

Na prática, o conteúdo dos três veículos se misturava, pois vários textos do jornal e da revista foram lidos na rádio. Ademais, havia as intervenções consideradas demasiado relevantes, como, por exemplo, um pronunciamento do Papa que eram divulgadas dos três modos. Havia diferenças, é verdade, quanto a velocidade da transmissão da informação, já que na rádio era bastante rápida, no jornal era publicada semanalmente e na revista era mensal<sup>8</sup>.

No ano de 1958, o jornal havia interrompido brevemente sua circulação e retornou no início de 1959, reformulado. A primeira notícia sobre o processo revolucionário cubano é bastante elogiosa, ainda que posto na última página do tabloide, onde costumavam vir notícias internacionais. Foi intitulada de *Juventude Heroica*. Fazendo o movimento se aproximar da matriz católica, descreveu o “afã de renovação moral, de justiça social, de mais retidão e limpeza na democracia”. Faz questão de citar a atuação de grupos

---

<sup>7</sup> Trata-se de uma concepção da fé católica que compreendia ser essencial a posição militante de conquista da sociedade, pois esta havia abandonado os princípios cristãos. Foi difundida especialmente por grupos intelectuais e pelos movimentos ligados a Ação Católica (QUADROS, 2012).

<sup>8</sup> Há alterações na periodicidade do jornal, pois houve um esforço em 1960 para que fosse diário. A empreitada durou pouco e em 1961 voltou a ser semanal, como era na época de sua fundação, sendo vendido aos domingos. A Revista da Arquidiocese também mudou para ser bimensal no período tratado nessa pesquisa. Doravante, citaremos o Brasil Central pela sigla BC, seguidos da data de publicação e a página do texto referido.

jovens católicos contra a ditadura de Fulgência Batista. A igreja cubana já havia reconhecido o novo regime (BC, 25/1/1959, p.8).

Um dado interessante, que não terá continuidade nos artigos que se seguirão, é a fonte das informações, pois os dados provêm diretamente de um periódico cubano. O texto destaca um fato relevante: o arcebispo de Santiago, Monsenhor Enrique Pérez Serantes era o mesmo que tinha estado com Fidel Castro após o desastroso ataque ao quartel em Moncada<sup>9</sup>. Portanto, há uma intenção evidente na publicação de demonstrar a proximidade do movimento revolucionário com os valores defendidos pelos católicos, tanto clérigos quanto o laicato.

Depois dessa interpretação heroica e cristã, há uma notícia da fome causada pela guerra, pela falta de plantio e desorganização nos ambientes de trabalho. Em 08 de fevereiro de 1959, o jornal citava as ações da igreja cubana a favor da retomada do país. Na carta pastoral publicada por Monsenhor Serantes, denunciava-se os “milhares de mortos e feridos de ambos os lados, a destruição das propriedades, o esfacelamento das famílias divididas pela contenda” (BC, 8/2/1959, p.6). A situação era difícil, contudo, o tom geral transmitido na perspectiva interpretativa era esperançoso.

Os alertas contra a difusão do comunismo na América Latina continuaram constantes, como era comum nas demais publicações católicas. A pequena ilha, entretanto, desaparece do noticiário. Um foco importante dado pelo jornal é a formação da juventude, por exemplo. Há sempre acusações contra as manipulações feitas pela União Soviética, bem como a difusão da ideologia comunista nos países americanos. Na Argentina, o marxismo invocava o patriotismo para confundir (BC, 3/5/1959, p.5) e no Uruguai verbas enviadas pelo bloco vermelho provocavam as agitações e greves (BC, 14/6/1959, p.1). Assegurava que esse movimento se espalhava igualmente pelo Brasil.

Quando o líder do Partido Comunista Brasileiro, Luís Carlos Prestes, pretendeu ir à Goiânia, o jornal chamou-o de “representante do imperialismo russo”. O movimento da câmara municipal que impediu sua presença foi louvado como ato realizado em nome da “democracia” (BC, 7/6/1959, p. 1). Após o burburinho, o arcebispo ainda escreveu um artigo de primeira

---

<sup>9</sup> Foi uma tentativa frustrada, em 26 de julho de 1953, para iniciar um movimento que derrubasse o presidente da república. Fidel Castro foi preso e condenado a quinze anos de prisão, mas depois teve a pena revertida em exílio. Monsenhor Serantes intercedeu pelos jovens aprisionados e visitou-os na prisão (VVAA, 1995, p.23).

página intitulado “infiltração comunista”, condenando a cegueira da sociedade, que parece conveniente com a “propaganda vermelha”. Convocou, então, os católicos para o combate acirrado. Em sua ótica, seria necessário “estar preparados para enfrentar os inimigos com as mesmas armas com que eles nos atacam: imprensa, rádio, comícios, cartazes, reuniões, palestras, organizações de classe; tudo deve ser mobilizado em defesa dos seus princípios” (BC, 21/6/1959, p.1). O regime cubano, até então, não era considerado contrário a tais princípios e o próprio Prestes achava que Fidel era um “pequeno burguês” (apud MONIZ, 2012, p.60).

Somente ao final daquele ano Cuba retornaria às páginas do *Brasil Central*. O tom da notícia continua positivo e defende o movimento revolucionário ao esclarecer que “o governo Cubano não desapropriou bens da igreja” (BC, 12/12/1959, p.5). Um elemento importante dessa notícia é que a informação desmente o bispo de Boston, apontando a crescente oposição norte-americana. O clero cubano - pois a informação vem de Havana - confirma que a igreja não possuía plantações, não sendo prejudicada pelas leis da reforma agrária.

As tensões com o imperialismo norte-americano já ocorriam em 1959, mas predominava no jornal certa simpatia com os revolucionários que derrubaram a “ditadura corrupta”. Fidel Castro, naquele ano, fora bem recebido nos Estados Unidos do mesmo modo havia acontecido no Brasil, quando pode, inclusive, visitar as obras de Brasília com Juscelino Kubitschek (CHOMSKY, 2015, p.8). Isso mudou com rapidez no ano seguinte.

Ao completar o primeiro ano da revolução, o periódico publicou um artigo avaliativo, assinado por Jaime Fonseca. Ele escreve como se fosse um discurso testemunhal, transmitindo o que viu e ouviu em Cuba. Isso confere um grau de veracidade ao conteúdo do texto, que aponta para alguns aspectos positivos, mas já inclui muitos alertas. O lado bom descrito foi a vontade de trabalhar do povo para reconstruir o país, o despertar do patriotismo, reforçada pela reforma agrária em curso, que contribuía para mitigar a fome. Porém, era feita de forma autoritária. O início do artigo, aliás, já dá essa tonalidade semântica, pois as alas mais extremistas do movimento predominavam, levando a ilha para uma “ditadura socialista” (BC, 31/01/1960, p.6).

A visão ambígua, que destaca o perigo comunista, apareceu também no artigo seguinte do mesmo autor, tratando das “facetas de Fidel” (BC, 27/02/1960, p.2 e 5). Nota-se a rápida personalização de um processo

construído coletivamente, tendência acentuada posteriormente nos jornais, tanto no *Brasil Central* quanto no *Diário*. Aborda, então, como o povo cubano ama “seu líder”, visto quase como se fosse um messias. Por outro lado, os mais críticos destacavam seus discursos carregados de demagogia, as promessas não cumpridas, as atitudes marcadas pelos “grandes ideais e simples mentiras”.

A ilha passou a ganhar as manchetes de primeira página, quando desapropriou as usinas açucareiras norte-americanas (BC, 12/03/1960, p.1). O crescente conflito com os interesses econômicos dos Estados Unidos atingiam o limite, provisório ainda, sob ameaça de ruptura diplomática. Foi graças a um político brasileiro que logo Cuba voltou a ocupar as manchetes, porque Juscelino Kubitschek se ofereceu para mediar a refrega, colocando o Brasil como um lugar neutro propício a realizar negociações pela paz nas Américas (BC, 17/03/1960, p.1).

Manchetes tratando de Cuba se seguirão por diversos números do periódico, abordando principalmente os problemas geopolíticos internacionais. É importante notar essa presença, já que a manchete constitui a parte mais visível de um jornal. Seus textos tentam cativar os leitores, despertar seu interesse, sendo elaboradas com cuidado. Elas fornecem, ainda, uma chave interpretativa, como acontece com os títulos, chamando a atenção para a relevância do conteúdo. Formam a *gramática cognitiva* da notícia (SOARES e FERRARI, 2020). Desde as primeiras aparições, adotarão a interpretação norte-americana e, cada vez mais, os exilados do regime terão voz nas páginas da publicação católica.

As questões religiosas, entretanto, não faziam parte dessas notícias. Somente em junho o tema foi tratado, quando se publicou um longo texto do Monsenhor Perez Serantes denunciando os “perigos” das transformações sócio-políticas que estavam ocorrendo. Tratava-se, na verdade, de uma seleção das ideias principais contidas na Carta Pastoral emitida pelo arcebispo de Santiago. Seu principal teor está na presença do “marxismo ateu”, que desvirtuaria os valores originais do movimento revolucionário e afastava-o da doutrina social da Igreja, a verdadeira solução para os problemas ali enfrentados (BC, 1/06/1960, p.2). O inimigo, avisava o preocupado prelado, não estava mais à porta, já havia entrado. Destarte, conclamava os demais sacerdotes, bem como a população em geral, para não colaborarem com a implantação do comunismo, permanecendo sempre fieis ao papa. Sem Deus e sem liberdade, a revolução fracassaria, vaticinou.

Com esse quadro semântico formado, a ilha alcançou o editorial do jornal, ou seja, foi enunciada na diretriz valorativa do periódico. O alvo era, na verdade, os regimes autoritários em geral. O título relacionava *Salazar, Franco e Fidel* como perseguidores do clero, políticos que pareciam católicos, mas oprimiam a igreja. Sobre o último, o redator-chefe, Pe. Senra, escreveu:

No que tange ao governo do Sr. Fidel Castro, convém esclarecer que a revolução dos barbudos contra as opressões do ditador Batista contou eficientemente com o apoio dos católicos cubanos. Se atualmente Fidel tem provocado pronunciamentos desfavoráveis do Episcopado da República (do) Caribe, é devido os seus namoros com a Rússia, cujos propósitos são menos combater os Estados Unidos do que transferir da Europa para as Américas o campo de uma possível guerra. É, pois, contra o inimigo comum, a grande besta apocalíptica do comunismo, que os bispos cubanos têm se manifestado (BC, 10/07/1960, p.3).

A alentada guerra, de fato, já ocorria. Isso porque as representações de Cuba estavam imbricadas com as demais notícias sobre a movimentação da “grande besta apocalíptica” no Brasil. O segundo semestre daquele ano foi marcado pela campanha eleitoral para a presidência da república. Curiosamente, o apoio dos grupos comunistas era correlacionado ao marechal Lott (PSD) e ao candidato a vice-presidente João Goulart (PTB), enquanto Jânio Quadros (UDN) era quem tinha realmente aceito o convite para visitar a ilha caribenha (MOREIRA, 2010). Na série de editoriais intitulados “em quem votaremos?”, o Pe. Senra retomou a questão várias vezes, ao ensinar que o voto deveria ser dado a quem defende a igreja<sup>10</sup>.

A associação ao “perigo russo” prosseguiu como linha de força. Na manchete de 11 de agosto de 1960, a informação era direta: “Cuba Sovietiza-se” (BC, 11/08/1960, p.1). Nessa época, a inflação de notícias sobre as ameaças causadas pelo regime cubano aos demais países da América foi desproporcional à sua capacidade, como identificara Wasserman (2007). Para controlar essa presença indesejada, havia também movimentos militares destinados a pôr fim àquela aventura juvenil. A intempestiva invasão norte-americana foi anunciada, sem qualquer condenação, como manchete de cabeça de página em 26 de outubro daquele ano (BC, 27/10/1960, p.1).

---

<sup>10</sup> Os editoriais com esse título foram publicados no *Brasil Central* de 22 de julho a 18 de agosto de 1960.



Após um ano de ter publicado a visão positiva do movimento revolucionário, as representações difundidas nas páginas do periódico haviam se invertido. As notícias sobre a ilha passaram a advir de fontes norte-americanas e dos exilados na Flórida. A última notícia de Havana veio do Monsenhor Boza Masvidal, bispo auxiliar daquela arquidiocese. O artigo, intitulado *Seis marcas anticristãs do regime de Castro*, resume a ruptura com a doutrina e com a hierarquia da igreja:

1. Começou por retirar o nome de Deus da constituição; 2. Prega o ódio e a luta de classes; 3. Chega ao controle absoluto do indivíduo para obrigá-lo a pensar como o Estado; 4. Anula o direito de propriedade e converte o Estado em supremo dono de tudo; 5. Destrói a fama alheira com insultos e calúnias; 6. Ataca os imperialismos ocidentais, mas elogia o russo (BC, 30/11/1960, p.3).

Os seis tópicos, um pouco mais desenvolvidos, faziam parte de um artigo que tinha por título a questão: *É cristã a revolução que se está verificando em Cuba?* publicado um mês antes na ilha. A pergunta advinha do avanço dos grupos comunistas no governo e das divergências iniciadas com a política educacional implantada. Por sinal, o autor do texto também era reitor da universidade católica atingida. Ainda assim, a preocupação crescente não resultou em condenação. Ele escreveu que:

Os católicos não estão contra a revolução, a que ajudamos enormemente, e queremos as grandes transformações sociais que Cuba necessita, mas não podemos querer nem apoiar o comunismo materialista e totalitário, que seria a negação mais contundente dos ideais pelos quais lutaram e morreram tantos cubanos (VVAA, 1995, p. 92).

Tal postura não foi a defendida pelo *Brasil Central*, que pelo anticomunismo explícito não enxerga avanços sociais no regime cubano. Havia, é verdade, o medo de um decreto que nacionalizaria a igreja católica e recolheria os dízimos para o Estado<sup>11</sup>. Porém, a crítica fulcral está na aproximação do socialismo marxista. O editorial *Fidel não foi fiel*, de 13 de novembro de 1960, resume a linha adotada pela publicação arquidiocesana.

O texto alerta que o líder revolucionário sempre enganou a todos: era desde os anos quarenta um verdadeiro comunista. Baseado nas notícias falsas

---

<sup>11</sup> A notícia, de 05/11/1960, foi transmitida pelos meios da imprensa dos exilados cubanos de Miami, fonte de várias informações reproduzidas no periódico goiano.

dos exilados da ilha, acusa Fidel e Ernesto Guevara de atentarem contra sacerdotes e freiras da Colômbia em 1948! Informa, ainda, que ele havia iniciado o movimento de *Sierra Maestra* já com apoio da União Soviética. Com a iracúndia sagrada dos sacerdotes, Padre Senra conclui:

Como se vê, o homem que só é fiel no nome, foi sempre um traidor da pátria. Como lobo vestido de ovelha, conseguiu através de uma nobre causa, a de derrubar o ditador Batista, depositar na alma dos jovens cubanos, sobretudo nos rapazes da Juventude Universitária Católica, a esperança de liberdade que todos ansiavam. Tornou-se o líder da Revolução e auxiliado pelos verdadeiros patriotas depôs Batista. No poder, tornou-se um perjuro. [...] O comunismo é menos inimigo das nações do que do homem. E a hecatombe que Fidel fez aos seus próprios compatriotas já foi a primeira demonstração de que suas intenções era levar Cuba ao caos, justificando os seus desatinos e assassinatos em massa com o seu ódio quase bestial à América do Norte. (BC, 13/11/1960, p.3).

A versão da revolução traída por seus líderes, desviada dos bons propósitos, foi a assumida pelo jornal católico goianiense. A *infidelidade* passou a ser confirmada quase cotidianamente pelas informações dadas pelos que fugiram da ilha, foram exilados e discordavam do regime implantado. Essa foi a mesma posição adotada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que enviou uma mensagem de solidariedade ao episcopado cubano no início de 1961, encorajando a luta de todos os católicos contra “os assaltantes da pátria, da família e da liberdade”. Curiosamente, a mensagem foi publicada duas vezes no *Brasil Central* (BC, 18/01/1961 e 22/01/1961) e, conforme Montenegro Gonzalez (2009, p.286), foi uma das duas únicas manifestações “de apoio” recebidas pela igreja cubana no momento de execução das reformas de cunho socialistas.

## **Considerações finais**

A pequena ilha do Caribe foi crescendo nas páginas dos periódicos católicos aqui investigados. Graças ao contexto da Guerra Fria, o movimento revolucionário vitorioso em 1959 rompeu com a secular *periferização* geopolítica da América Latina, com a visão da tradicional dependência e vitimização colonialista (RIOJAS, 2023). O processo chegou a seu auge na Crise dos Mísseis, ao final de 1962, quando a *questão cubana* quase gerou o início da Terceira Guerra Mundial. Não chegamos propriamente a essa data no artigo, mas o estudo apontou os modos conflitivos de apropriação desse

fato histórico global. Sim, fizemos um esforço para *contextualizar* a Revolução Cubana por meio de sua recepção discursiva no interior brasileiro<sup>12</sup>.

Ao pesquisar as notícias em fontes publicadas pela Igreja Católica, partimos da hipótese que ali os sentimentos e o imaginário anticomunista seriam fortemente propagados, porém não foi essa a descoberta que chegamos ao realizar a pesquisa documental. A princípio, ambos jornais compreenderam o caráter nacionalista e antiditatorial da revolução. No entanto, o jornal da arquidiocese goiana adotou rapidamente a narrativa construída a partir da perspectiva norte-americana. Sua condenação assentou-se na compreensão de que o movimento tinha orientação comunista porque, dentro do espírito da Guerra Fria, se considerava qualquer ruptura com os Estados Unidos um movimento na direção de Moscou.

O Jornal mineiro, por seu lado, manteve o ideal informacional da imprensa, com maior independência da polarização presente também na sociedade brasileira. Seu anticomunismo apareceu em poucas matérias, as que tratavam, sobretudo, do modo como essa questão foi vista pelo catolicismo europeu. Nas matérias de opinião, elaborou distinções conceituais que não eram comuns no período, como, por exemplo, a que existe entre nacionalismo e comunismo. Isso impediu que ele encontrasse comunismo em todos os movimentos que visavam transformações intensas na sociedade. Embora tenha alertado para os riscos dos comunistas influenciarem os rumos da revolução, ele manteve seu apoio fiando-se no forte caráter nacionalista e antiditatorial do movimento, por derrubar a ditadura corrupta de Fulgência Batista.

A política e a revolução – sua máxima potência – não se reduzem a eventos produzidos no nível da razão formal. A religião, por sua vez, não funciona como propunha a modernidade iluminista, enquanto espectadora extemporânea, reacionária e marginal. A matriz afetiva permeia as representações religiosas do mundo, natural e sobrenatural, e contribuíram para sedimentar os sentidos discursivos atribuídos ao movimento radical ocorrido em Cuba. O temor e a esperança estão presentes nas páginas aqui analisadas, pertinentes às fraturas que um movimento revolucionário sempre causa.

---

<sup>12</sup> Nos referimos aqui a uma das vertentes de elaboração da História Global, que visa compreender melhor as conexões entre as diversas regiões do mundo desde, ao menos, as viagens de Cristóvão Colombo e Vasco da Gama (RIOJAS e RINKE, 2023).

## Referências

- ANKERSMIT, Frank R. **Sublime historical experience**. Stanford, CA: Stanford University Press, 2005.
- BALBUENA, Leydis e HELGUERA, Yenny. **Crisis de octubre – a las puertas de la guerra nuclear**. La Habana: Editora Política, 2014.
- BANDEIRA, Luis. A. M. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BELL, J.; LÓPEZ, D. L.; CARAN, T. **Documentos de la Revolución cubana 1959**. Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 2006.
- CAPELA, Charles e ROJAS, Daniel. Penser las circulations, comprende las menaces. L’Amerique latine et le monde. Revue **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos** (en ligne), 2022 (<http://journals.openedition.org/nuevomundo/90035>, consultada em 28/10/2022)
- CARDOSO, Ciro F. **História e poder: uma nova história política?** In: CARDOSO, C.F. e CASSIRER, Ernst. **O mito do Estado**. São Paulo: Codex, 2003.
- CASTAÑÓN, María del Pilar Díaz. **Ideología y revolución**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2014.
- CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHOMSKY, Aviva. **História da revolução cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.
- COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**. Porto Alegre: LP & M, 1997.
- CRESCO, Ramón. **La Iglesia Católica em la primera oleada migratória cubana**. Editora Política: La Habana, 2005.
- DESROCHE, Henri. **Sociologia da Esperança**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- ENEC - Encuentro Nacional Eclesial Cubano / Documento Final e Instrucción Pastoral de los Obispos de Cuba (Spanish Edition Import Paperback book) Cuban National Ecclesial Encounter / Final Document and Pastoral Instruction of Bishops of Cuba (Spanish) Paperback – 1988.
- FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- FORNET, Jorge. **El 71 – anatomia de uma crisis**. La Habana: Instituto cubano del libro, 2013.
- FRANCO, Álvaro de C. (ed.). **Política Externa Independente**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.
- GADIS, John. Grand strategies in the Cold War. LEFFLER, M. P. e ODD, A. W. **The Cambridge History of Cold War** (vol.II). New York: Cambridge Press, 2010, p.1-21.
- GONZALES, Augusto Montenegro. **Historia y historiografía de la Iglesia en Cuba**. Anuario de Historia de la Iglesia, Navarra, vol.18, 2009, p.261-293.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1989.

HARMER, Tanya. The Cold War in Latin America. KALINOVSKY, Artemy e DAIGLE, Craig (eds.). **The Routledge handbook of the Cold War**. New York: Routledge, 2014, p.133-148.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006

LEÓN, Rafael Plá. **Marxismo y Revolución – escena del debate cubano em los sessenta**. La Habana: Editorial de Ciências Sociais / Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello, 2006. P. 11 – 16.

LAS CASAS, Bartolomeu. **Brevíssima relación de la destrucción de las Indias**. Colômbia: Universidad de Antioquia, 2011.

MAINWARING, Scott. **Igreja e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MOREIRA, Bruno de O. **“Visita a uma revolução”**: uma análise dos escritos de Milton Santos. Revista de História, UFBA, 2, vol. 1, 2010, p.100-120.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anti-comunismo no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002.

QUADROS, Eduardo G. **“Cristo vence, reina e impera”**: catolicismo e modernidade em uma cidade inventada. Revista Plura, v.3, n.2, jul. 2012, p.82-100.

QUEIROZ, Alexandre. **Revolução e paraíso**: conflito de ideias na igreja latino-americana. Foz do Iguaçu, PR: EDUNILA, 2021.

RIOJAS, Carlos. **Neoliberalización y transformación institucional** en América Latina. In: RIOJAS, Carlos e RINKE, Stefan. América Latina en la história global. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2023, p.433-465.

ROA, Raul. Trayectoria y balance del ciclo revolucionário. 1966. In: PICHARLO, Hortensia. **Documentos para la história de Cuba – IV – Segunda Parte**. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1980.

RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, pp. 463-488. 2002.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2ª ed. Minas Gerais: Editora Autêntica, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **Furacão sobre Cuba**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1986.

SCHMITT, Carl. **O conceito do político**. Lisboa: Edições 70, 2015.

SILVA, Thales. Complexity theory and the historical study of religion. **História da Historiografia**, 14, 36, maio 2021, pp.167-196.

SILVA, Wellington Teodoro. **Cuba: religião e revolução**. Curitiba: Appris, 2021.

SILVA, Wellington Teodoro e ZALDIVAR, René Villaboy. Catolicismo e revolução cubana (1959 – 1960). **Revista Mosaico, PUC Goiás**, v.16, 2023, p.81-97.

SOARES, Caroline e FERRARI, Lilian. **Imediaticidade Pragmática e Uso do Presente do Indicativo em Manchetes e Subtítulos Jornalísticos**. *Scripta*, PUC Minas, vol. 24, n. 51, 2020, p. 265-292.

TEJADA, Aurélio Alonso. **Iglesia y política en Cuba revolucionária**. La Habana: Editorial de Ciências Sociais, 1997.

TRETO, Raul Gomez. **La Iglesia Católica durante la Construcción del socialismo em Cuba**. 3ª edição. La Habana: CEHILA, 1994.

VAINFAS, R. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2012, p.37-55.

VVAA. **La voz de la Iglesia em Cuba** (100 documentos). Ciudad de México: Obra Nacional de La Prensa, 1995.

WASSERMAN, Claudia. **Historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil**. *História Caribe*, 12, 2007, p.57-76.

Submetido em: 23-5-2023

Aceito em: 20-10-2023